

SOBRE A RELAÇÃO ENTRE A MENTE E A MATÉRIA SEGUNDO
EMMANUEL^{1,2}

Awen Abred

¹ Este trabalho, intitulado *O Centro Espírita e a Codificação de Kardec: Contribuições Filosóficas da Doutrina Espírita*, foi apresentado no temário do Primeiro Congresso Espírita Mundial, realizado em Brasília, em outubro de 1995, com apoio da USE Intermunicipal de Marília, interior de São Paulo.

² *Awen Abred*

PARTE I

Com a finalidade de investigar as inúmeras (ou melhor, algumas delas) contribuições filosóficas da codificação kardequiana procuramos orientar-nos pelas quatro questões de filosofia propostas ao Espírito Emmanuel, cujas respostas nos foram transmitidas por Francisco Cândido Xavier e publicadas na obra “Emmanuel”.

No capítulo XXXIII daquela obra, encontramos quatro problemas de filosofia tradicional: O problema da liberdade, no domínio da Ética, problema do espaço e do tempo, no domínio da Epistemologia; o problema da relação psicofísica ou problema mente corpo, no domínio da Ontologia e o problema da unidade, no domínio da Metafísica.

Nosso interesse está ligado à resposta que Emmanuel deu sobre a questão que se refere ao problema da relação psicofísica porque, por meio dela, podemos apontar contribuições filosóficas do mestre lionês. Todas as respostas do sábio Espírito são interessantes mas, aqui, abordaremos apenas uma delas, dada a natureza introdutória deste trabalho.

A questão escolhida para discussão é uma das mais tradicionais da filosofia. Geralmente, ela pergunta como se dá a relação entre o espírito e a matéria.

No âmbito da filosofia moderna, encontramos duas grandes correntes que propõem soluções para o problema em pauta: a corrente monista, na qual se incluem, em geral, os sistemas materialistas de pensamento; e a corrente dualista, na qual se incluem os sistemas espiritualistas de pensamento.

Para as escolas monistas materialistas o espírito e a alma são redutíveis à matéria. Para elas, o princípio é a matéria; ela é o fundamento e a realidade do universo. A mortalidade da alma e a inexistência de Deus são, em geral, princípios consequentes do monismo.

O problema psicofísico indaga como se dá a relação psicofísica entre espírito e matéria. O problema foi abordado por várias tradições filosóficas ao longo da história da filosofia. Com este artigo, objetivamos analisar da problemática com base na doutrina dos Espíritos expressa por meio de textos de Emmanuel. A metodologia consiste, fundamentalmente, em leituras de obras fundamentais de Kardec e nas dissertações mediúnicas do Espírito Emmanuel psicografada por Francisco Cândido Xavier. Na conclusão, argumentaremos que a filosofia espírita tem vantagens importantes na abordagem da relação psicofísica quando comparadas com as tradições materialistas que investigam problemas ontológicos.

Allan Kardec, em o Livro dos Médiuns, cap. XXIX, item 347, coloca sua visão sobre a importância da discussão de assuntos pró e contra o Espiritismo:

... as sociedades religiosas meditam as escrituras. As sociedades espíritas devem fazer o mesmo e grande proveito tirarão daí para seu progresso instituindo conferências em que seja lido e comentado tudo que diga respeito ao Espiritismo, pró e contra (pg. 440).

Nosso objetivo é, pois, a discussão das contribuições filosóficas do Espiritismo a fim de salientar aspectos em prol dele, face às abordagens tradicionais materialistas do problema da relação psicofísica.

A materialidade do monismo é uma espécie de estrutura que se repete em todas as partes de um sistema filosófico. Ele repercute na Ontologia, Ética, Lógica, Epistemologia, Metodologia, Filosofia da Mente, etc. Tal estrutura é explorada de diversas formas em cada sistema. Assim, naqueles sistemas, a solução do problema psicofísico está fundamentada na materialidade.

Para as escolas dualistas espiritualistas, o espírito desempenha o papel de fundamenta, ele é a realidade da qual a matéria é uma expressão passageira. O espírito é uma natureza independente da matéria. A imortalidade da alma e a existência de Deus são os fundamentos de um sistema dualista. A espiritualidade dualista é a estrutura que se repete e gera consequências em toda parte da filosofia espiritualista. Na espiritualidade, em tais sistemas, está a solução da problemática que investigamos.

A separação entre as duas escolas nem sempre é rigorosa. Há sistemas que são ambíguos; não se situam de maneira precisa numa posição monista ou dualista. Assim, temos indicações de uma possível conciliação entre as duas correntes; há diversas formas de materialismo e de espiritualismo, isto é, formas “fracas” e “fortes” de cada escola, que procuram, através de versões híbridas de dualismo e de monismo, tornarem-se completas.

As tradições materialistas de filosofia predominam nas academias filosóficas científicas. Atualmente, desenvolveram-se monismos materialistas mais “espiritualizados” uma vez que reconheceram sua própria incompletude frente às questões espirituais (psicológicas, para os materialistas). Este reconhecimento, contudo, nem sempre é manifesto e, na tentativa de se livrar de hipóteses e fatos espiritualistas, (na versão mais forte – fatos espíritas) segundo Emmanuel, na obra psicográfica intitulada *Emmanuel*, capítulo XXIV:

... revestem a matéria com poderes que ela nunca possuiu em sua condição de passividade característica. (pg.131)

Outro sintoma dos materialismos mais fracos, que acreditamos ser uma consequência natural da incompletude, é a instabilidade de suas bases explicativas. Para dar conta da complexidade dos fenômenos espirituais, fazem suas bases explicativas oscilar entre esquemas reducionistas (isto é, reduzindo-as à materialidade) e não-reducionistas (admitindo, não *in manifesto*, a insuficiência da materialidade).

Dualismo e monismo parecem ser de difícil conciliação.

Analisaremos, no que se segue, passo a passo, a resposta de Emmanuel à indagação sobre o problema em pauta com a finalidade de, na conclusão do presente trabalho, mostrar que o monismo dualista do Espiritismo supera o problema da incompletude e da instabilidade que apontamos na tradição materialista.

O problema é colocado para o Espírito Superior Emmanuel da seguinte maneira:

Pergunta – Será lícito considerar o espírito e matéria como dois estados alotrópicos de uma só elemento primordial, de maneira a obter-se a conciliação das duas escolas perpetuamente em luta, dualista e monista, chegando-se a uma concepção unitária do universo ?

Acreditamos que a pergunta tenha sido feita por um filósofo ou por alguém que tinha conhecimento dos problemas centrais da filosofia. O primeiro passo da resposta é, pg.170:

É lícito considerar-se espírito e matéria como estados de uma mesma essência imutável, chegando-se desta forma a estabelecer a unidade substancial do Universo.

Com esta passagem, Emmanuel afirma ser lícita uma posição monista, segundo a qual devemos procurar a unidade substancial o primordial do Universo. A essência imutável, ponto de contato entre espírito e matéria deve ser procurada. Portanto, há uma essência.

A resposta encontra um fundamento da codificação. Em *O Livro dos Espíritos*, parte I, capítulo 2, questão 27, Hypollite-Leon Denizard Rivail pergunta aos Espíritos se há dois elementos gerais do Universo: espírito e matéria. Eles afirmam que se deve acrescentar um terceiro elemento: Deus, formando-se assim uma *tríada* das causas primárias. Deus, elemento absolutamente criador, criou uma substância mediadora entre o espírito e a matéria: o fluido universal, a essência imutável a que se refere Emmanuel, que dá a unidade substancial do Universo. O fluido cósmico pode variar infinitamente, são inumeráveis as combinações possíveis desse fluido. A unidade soberana suscetível de multiplicidade infinita criada por Deus é a condição de possibilidade do monismo. Continuando, assere Emmanuel:

Dentro, porém, desse monismo físico-psíquico, perfeitamente conciliável com a doutrina dualista, faz-se preciso considerar a matéria como o estado negativo e o espírito como estado positivo desta substância.

Neste fragmento da resposta entra o aspecto dualista da abordagem espírita do problema mente-corpo. O dualismo é perfeitamente conciliável com o monismo se considerarmos correspondente ao estado positivo o espírito, o princípio inteligente do universo (aqui, não-individualizado). Tal estado é ativo de uma substância criada por Deus, que pode ser considerada com fluido cósmico. Portanto, tal substância universal torna-se compatível com o princípio inteligente, ativo e individualizado, o espírito. Além disto, devemos considerar a matéria como estado negativo do fluido cósmico, possível da ação do espírito.

O fundamento doutrinário desse dualismo está na questão 25 referente ao item “Espírito e Matéria” em O Livro dos Espíritos. Pergunta-se se o princípio inteligente individualizado é independente da matéria ou se é uma propriedade dela, ao que os espíritos responderam afirmando que, de fato, eles são independentes e que na união dos dois o espírito é necessário para intelectualizar a matéria. Portanto, a matéria é necessária, ao seu turno, para manifestar o espírito no universo fenomenal. O monismo dualista está completo.

Completamos aqui a exposição da primeira parte. Em próximo artigo, prosseguiremos com nossa exposição, concluindo a interpretação de Emmanuel.

PARTE II

No artigo anterior, expusemos a primeira parte de nosso comentário sobre a interpretação de Emmanuel. Neste artigo, prosseguimos com a exposição.

Ainda segundo Emmanuel:

O ponto de integração dos dois elementos estreitamente unidos em todos os planos do nosso relativo conhecimento, ainda não o encontramos.

Esta passagem é de capital importância. Se a substância primordial fosse plenamente conhecida pelo Espírito, teríamos o problema psicofísico plenamente resolvido. O antigo problema filosófico do ser, que deu origem ao pensamento ocidental, teria uma solução final.

A resposta do sábio Espírito está de pleno acordo com a codificação. Não é dado ao Espírito o conhecimento do princípio das coisas (questão 17, item I, cap. II, parte II). O princípio lhe será tanto mais claro quando maior for seu grau de libertação da matéria (questão 18, item I, cap. II, parte II). Neste fragmento, está implícito o princípio de evolução das faculdades do espírito, que são as condições de possibilidade do

conhecimento. Logo, quanto mais desenvolvidas as faculdades, maior serão as possibilidades de conhecer.

Uma vez que o fluido cósmico foi criado por Deus, para se ter um conhecimento pleno da natureza dele é necessário que tenhamos em ato todas as perfeições divinas. Porém, aquelas perfeições estão em nós apenas em potência. Elas são gradualmente atualizadas com a experiência material. É a graduação que baseia a ideia de evolução espiritual. Como há uma graduação, há espíritos mais evoluídos e outros menos evoluídos. As faculdades dos primeiros são mais desenvolvidas, uma vez que, por meio do livre-arbítrio, eles atualizaram mais potências divinas, logo seus limites de conhecimento possível serão mais amplos. As faculdades dos segundos são menos desenvolvidas posto que, ao longo da experiência evolutiva, fazendo uso do livre-arbítrio, atualizaram menos a potencialidade divina. Para eles, portanto, os limites serão mais estreitos. Em todos os infinitos planos de evolução da alma, há limites relativos porque nenhuma alma atualiza todas as perfeições do criador. Vê-se, então, que o princípio de evolução e o de relatividade cognitiva seguem-se do princípio da existência de Deus.

Com base nas considerações precedentes, podemos entender as afirmativas do Espírito Emmanuel. Os espíritos da esfera evolutiva de Emmanuel não poder ter o conhecimento pleno do ponto de integração entre os dois elementos dado por um conhecimento perfeito da natureza do fluido cósmico.

Em nosso plano evolutivo, as limitações são maiores. No campo da física por exemplo, não temos conhecimento das equações que unificam as forças fundamentais da natureza, que nos expliquem os fenômenos físicos em sua totalidade. Há relações entre o problema psicofísico e outras áreas da ciência e da filosofia. Em todas estas áreas, há necessidade de esclarecimentos sobre as inúmeras possibilidades de variação

de uma elemento integrador: *o perispírito*. Segundo Allan Kardec, em o *Livro do Médiuns*, pg. 78:

... no conhecimento do perispírito está a chave de inúmeros problemas até hoje insolúveis.

Não estaria no perispírito a solução do problema psicofísico em nosso estágio evolutivo ?

Na passagem conclusiva, Emmanuel afirma que:

A ciência terrena, no estudo das vibrações, chegará a conceber a unidade de todas as forças físicas e psíquicas do Universo. O homem, porém, terá sempre um limite nas suas investigações sobre a matéria e o movimento. Esse limite é determinado por leis sábias e justas, mas, cientificamente poderemos classificar esse estado inibitório como oriundo da estrutura do seu olho e da insuficiência de suas faculdades sensoriais.

A riqueza e a simplicidade de ideias deste fragmento nos inspiram muitas formas de análise. O conhecimento do princípio da unidade físico-psíquica, solução do problema que investigamos, pertence ao futuro, porque as faculdades do Espírito evoluem à medida que este se aproxima do criador.

Pelo princípio de evolução da alma, o espírito tem uma tarefa infinita de progredir. Em cada estágio evolutivo tem, conforme o emprego de seu livre-arbítrio, suas faculdades ampliadas, ampliando-se assim os limites do conhecimento da

experiência possíveis. Muitos filósofos desenvolveram muito a Metafísica e Epistemologia quando intuíram estas verdades.

Os estudos da Física sobre a matéria e o movimento, por exemplo, têm seus limites estabelecidos em cada etapa evolutiva. Tais limites podem ser entendidos de duas formas diferentes: por meio da natureza do espírito e por meio da natureza do criador.

Consoante à natureza de Deus, Este é eterno e universalmente legislador. Logo, criou-nos segundo leis que são também imutáveis, assim nosso estado de perpetua evolução é consequência destas leis sábias e justas. Os limites são teleologicamente justificados.

A natureza do espírito está apresentada sob a forma da metáfora do olho. O olho representa metaforicamente as faculdades do espírito. Para ver precisamos de olhos, assim como para conhecer precisamos de faculdades apropriadas ao que desejamos conhecer. Os limites do olhar do espírito são os limites de seu mundo. Como dar a um cego a visão da luz? Para reforçar este ponto fundamental lembremos da resposta epistemologicamente rigorosa dos Espíritos na questão 18: “... são-lhe precisas faculdades que ainda não possui”. Tal é o fundamento doutrinário de resposta de Emmanuel.

A resposta analisada é simples e profunda. Suas bases, como vimos, estão nos fundamentos do Espiritismo.

A abordagem espírita do problema em pauta é, a um tempo, monista e dualista. Monista porque há uma substância única no universo: o fluido cósmico, “hausto divino”, como diz o Espírito do Dr. Carlos Chagas, ou André Luiz, em *Evolução em Dois Mundos*. É dualista porque admite dois elementos irreduzíveis entre si: o espírito, princípio inteligente individualizado e a matéria, laço pelo qual o espírito experimenta o

mundo fenomenal evolutivamente, o que o torna capaz, na medida de sua consciência e livre-arbítrio associados, de atualizar as perfeições que herdou do criador e as únicas que podem guiá-lo na pesquisa do desconhecido, como se diz, “O princípio das coisas reside nos arcanos de Deus” (*Obras Póstumas*, pg. 35) e também “O homem tem por guia na pesquisa do desconhecido os atributos de Deus” (*idem*, pg. 36).

O dualismo monista da filosofia espírita supera a incompletude característica dos sistemas materialistas filosóficos que propõe soluções para a problemática.

A incompletude deve-se simplesmente ao fato de que os sistemas materialistas negam a realidade do espírito nas questões sobre a mente humana, sua característica complexidade. O espiritismo, por sua vez, não nega a realidade da matéria enquanto expressão passageira da experiência evolutiva. Compartilha seus progressos com progresso daquela que é responsável pelo estudo minucioso do mundo material: a ciência. A ciência, investiga a matéria, está investigando expressões modificadas do problema psicofísico. Logo, a filosofia espírita torna-se completa em relação às tradições materialistas, por acompanhar os estudos acerca da matéria em todas as suas expressões.

A estabilidade da abordagem espírita, ao investigar o antigo problema filosófico com base na evolução em dois mundos, é dinâmica. Enquanto a tradição materialista tenta completar-se ao reconhecer a realidade do Espírito gerando instabilidade que a faz oscilar entre reducionismos e anti-reducionismos, o Espiritismo tornar-se estável por causa de sua dinâmica própria de interação entre espírito e matéria, monismo e dualismo. Vemos assim que há vantagens da filosofia científica do espiritismo face à tradição materialista das academias.

Podemos concluir com um trecho da mensagem do espírito Laménais em o Livro dos Espíritos, cap. IV, dos sistemas, pg. 72 com a paráfrase: A ciência ainda não sabe o bastante, porém, la chegará, se quiser caminhar com o Espiritismo.

Acreditamos, assim, que a filosofia tradicional materialista ainda não sabe bastante e, com base nas vantagens que apresentamos neste trabalho, podemos afirmar que poderá chegar aos fins aos quais visa se quiser caminha com o Espiritismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 – Chibeni. S.S. A excelência metodológica do Espiritismo. In: Reformador, nov. 88, pgs.328-33

2 - ----- . O paradigma espírita. In: Reformador, Jan. 94. pgs. 176-80.

3 - Emmanuel. Emmanuel: Dissertações Mediúnicas sobre Importantes Questões que Preocupam a Humanidade. Psicografado por Francisco Cândido Xavier, 15ª edição FEB, 1991.

4----- . O Consolador. Psicografado por Francisco Cândido Xavier, 11ª edição, FEB, 1985.

5 – Kardec, A. O Livro dos Espíritos. Trad. Por Guillon Ribeiro, 44ª edição, Rio de Janeiro, 1993.

6 - ----- . Obras Póstumas. Trad. Gillon Ribeiro. 26ª edição, FEB, São Paulo, 1993.

7 ----- O Livro dos Médiuns. Trad. Por Gillon Ribeiro, 60ª edição, Rio de Janeiro, 1993

8 – Luiz, A. Evolução em Dois Mundos. Psicografado por Francisco Cândido Xavier, 13ª edição, 1993.

